



SEÇÃO ESPECIAL
Narrativas antropológicas na pandemia:
apresentação

Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 360-364, jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837

O ano de 2020 marca uma experiência global de viver em um mundo pandêmico, com a propagação, em um curto intervalo de tempo, do novo coronavírus (Sars-Cov-2) aos rincões mais distantes do planeta. Para além dos catálogos cinematográficos de ficção, talvez nem mesmo os mais pessimistas ou adeptos de teorias de colapso imaginavam que a humanidade seria atingida de uma forma tão brutal em tão pouco tempo. Nesta época, que se julga “moderna”, e até mesmo em locais que se julgam seguros e bem estruturados em termos de sistemas de saúde, vimos o vírus se disseminar em passo acelerado e fomos assombrados por imagens de mortes em massa apenas comparáveis, em nossa experiência histórica, àquelas de guerras ou de desastres.

Por outro lado, não se pode alegar que faltaram alertas de cientistas que acompanham as alterações nos ecossistemas mundiais. Ao já intenso debate sobre mudanças climáticas, também as investidas da economia na destruição das florestas e as cadeias industriais de produção de alimentos em larga escala foram agregadas como parte do problema. Rapidamente, o debate sobre os efeitos sistêmicos dessa crise – que não é somente sanitária – levaram a questionamentos do próprio sentido da humanidade. Porém, lidar com a pandemia veio também acompanhado do agravamento de situações de controle, de autoritarismo, de desigualdade social, de gênero e racial. Ou ainda, de descaso, de morosidade em executar planos de combate à pandemia e de falta de informações, em especial com populações em situação de vulnerabilidade, como, no Brasil, de povos e comunidades indígenas, quilombolas, ciganas e populações periféricas das cidades. É nesses locais que a taxa de letalidade e a quantidade de infectados foi mais intensa. Nesse sentido, a pandemia de covid-19 parece trazer um duplo movimento, por um lado, um tempo extraordinário, em que enfrentamos uma nova ameaça biológica e que traz importantes rupturas em nossa organização cotidiano, por outro lado, um tempo mais do que ordinário, uma vez que evidencia de maneira paradigmática as desigualdades que nos constituem.

Diante do ineditismo da situação que estamos vivendo, marcada por uma tripla crise – sanitária, política e econômica –, nos vimos impelidos e impelidas a abrir uma chamada para acolher a efervescência reflexiva que tem inundado as redes sociais em torno da covid-19. Solicitamos o envio de contribuições curtas, de até cinco



páginas, que passariam por um processo acelerado de avaliação para serem publicadas e lidas ainda “no calor da hora”.

Procuramos, com isso, colaborar para que esse acontecimento cheio de intensidades, de dificuldades e de perdas esteja registrado nos discursos pós-pandêmicos sem se pautar por uma crença de que tudo será como antes. Um debate sobre o retorno à “normalidade”, em tese interrompida pela pandemia, que simplesmente queira retornar a um passado, além de fantasioso, também nos impediria de qualquer aprendizado em direção a outras formas de habitar o mundo, tão bem apontadas por intelectuais indígenas há bastante tempo, como Davi Kopenawa e Ailton Krenak, entre outros. Não é possível falar em “normalidade” quando já estamos próximos, no momento em que escrevemos esta apresentação, a quase 850 mil vítimas fatais registradas no mundo, das quais 120 mil são do Brasil, nos dando a infeliz posição de segundo lugar mundial em número de mortes.

Se não esquecer se faz necessário, neste número da revista apresentamos a primeira de duas composições de ensaios sobre a covid 19. A primeira das dez contribuições desta seção é “*A enfermagem cuida das pessoas, mas quem cuida da enfermagem?*”: COVID-19 em um hospital público da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, de Thaysa de Souza Andrade (UERJ) e Gustavo Costa (UERJ). Partindo de um olhar “de perto e de dentro” de um serviço de saúde que lida com pacientes com covid-19, o texto é dedicado aos profissionais “da linha de frente”, com relatos sobre suas angústias, enfrentamentos e dedicação neste momento no qual são especialmente demandados.

Natalia Negretti (Unicamp) é a autora de *Entre ainda e já: quando Valéria virou Luara*, uma reflexão sobre as emoções em campo, suscitada pela morte de uma interlocutora de pesquisa da antropóloga em tempos de covid-19, que é também um relato sobre adaptações de pessoas em situação de rua em um quadro de aumento da vulnerabilidade de quem não pode “ficar em casa”. *Cloroquina: um programa de Estado*, de Wagner Guilherme Alves da Silva (UFRJ), apresenta o controverso uso de um medicamento como salvação por representantes do poder público, fazendo Estado, colocando-o em disputas morais, econômicas e jurídicas, para além dos resultados biomédicos.



Na sequência, temos textos voltados para os desafios do fazer antropológico em tempos de isolamento social. Nessa perspectiva, Ana Letícia de Fiori (UFAC) assina *Sem chegar perto e de dentro de casa: notas sobre antropologias, etnografias e seus fazeres em tempos de isolamento social*, que trata de adaptações realizadas pela pesquisadora a partir de demandas de seus e suas interlocutores/as, assim como práticas de ensino reformuladas. Já *O tempo mordeu o próprio rabo: ruínas virais de uma microbio-antropologia*, de Vitor Chiodi (Unicamp), traz a experiência do autor que viu sua pesquisa sobre “o fim do mundo” e seu período de doutorado sanduíche atravessados pela pandemia, acarretando impactos na vida prática e recolocando o próprio objeto de pesquisa.

Das conversas e entrevistas repletas de emoções, em que a proximidade faz do trabalho de campo algo tão singular, às conversas mediadas por computadores e celulares, distantes fisicamente, mas buscando uma conexão de outros modos, Durvalina Rodrigues Lima de Paula e Silva (UFPB) nos apresenta o ensaio *Encontro mediado pela tecnologia: descrição de uma experiência*. Ainda na linha das pesquisas possíveis, o texto *A feira, o comércio, os bancos, a rodoviária: relances etnográficos...*, de Ana Paula Marcelino (UFPB), discute o impacto das medidas sócio-sanitárias de distanciamento social numa cidade de fronteira entre os estados de Pernambuco e da Paraíba, focalizando seus espaços de maior circulação e concentração de pessoas. Por fim, Mari Cristina de Freitas Fagundes (UFPB) traz em *Um whats, um edital e algumas vivências em épocas de isolamento* um relato poético sobre o cotidiano em tempos de pandemia, apontando a relevância da arte na construção da subjetividade.

A maternidade e a carga redobrada imposta às mulheres durante a pandemia, com seus inúmeros efeitos na vida profissional, afetiva e mesmo nas condições físicas diante do cansaço são abordadas em dois ensaios. O primeiro, *Mãe, ainda mulher*, de Bárbara Ferreira de Freitas (UFBA), discorre, a partir das experiências da autora, sobre como as medidas de isolamento social têm tornado a maternidade uma ocupação em tempo integral para as mulheres, ameaçando subsumir por inteiro sua subjetividade e interesses. Já o texto de Rosamaria Carneiro (UnB) e Elaine Müller (UFPE), *Afinal, quanto de extraordinário a pandemia de covid-19 soma na vida das mulheres mães?*, aprofunda essa reflexão trazendo o recorte das mulheres acadêmicas. A tese das au-



toras é a de que a situação gerada pela pandemia, com o fechamento das escolas, a diminuição das redes de apoio e o encerramento das famílias dentro de casa, apenas tem acirrado um problema com o qual as mulheres acadêmicas convivem cotidianamente: a desigual distribuição das atividades domésticas e o peso imenso que elas colocam sobre as mulheres, principalmente sobre as que têm filhos. Nesse sentido, a pandemia tem atuado como uma lente amplificadora de desigualdades existentes que é preciso, urgentemente, enfrentar.

Agradecemos às autoras e autores a rápida resposta ao nosso chamado e a atenção a todas as nossas mensagens e desejamos que a leitura desses textos possa ajudar outras pessoas a lidar com os desafios do momento presente.

Comitê Editorial Áltera

